

## O BULLYING E SUAS MOTIVAÇÕES NO ÂMBITO ESCOLAR

Yasmin Caroline Lima MARQUES<sup>1</sup>  
Juliene Aglio Oliveira PARRAO<sup>2</sup>

**RESUMO:** O Bullying é uma realidade presente na vida de diversos estudantes desde o ensino básico até o nível superior. A intolerância não é limitada a uma classe social, gênero, condição sexual ou até mesmo a um espaço geográfico. Contudo, esse projeto tem como finalidade observar como essa relação de ódio – especificamente a religiosa – estabelecida entre as crianças e adolescentes desde a tenra idade ocorre dentro dos espaços públicos. Para isso, é necessário um olhar despido dos conceitos pré-concebidos, de agentes engajados numa Educação plural, além dos processos de capacitação exercitando a formação continuada para conseguir adaptar-se as múltiplas realidades postas dentro do espaço educacional. Este artigo foi desenvolvido como produto do Programa de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, onde a autora foi bolsista no período de Setembro/2018 a Agosto/2019.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bullying; Ensino; Educação; Adolescentes; Violência.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como enfoque principal o Bullying e suas motivações no âmbito escolar, tendo em vista que a escola está posta numa sociedade com diversos preconceitos, que são incorporados dentro das instituições de ensino, visto que as crianças e adolescentes reproduzirão situações vivenciadas por estas no cotidiano.

---

<sup>1</sup> Graduanda do 8º termo do curso de Serviço Social do Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente – SP. E-mail: yasmin.lima.marques@gmail.com. Bolsista no Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ) no período de Setembro/2018 a Agosto/2019.

<sup>2</sup> Doutora em Serviço Social pela PUC/SP. Atualmente é professora, coordenadora do curso de Serviço Social, coordenadora do grupo de Iniciação Científica no Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. E-mail: coord.social@toledoprudente.edu.br

Este artigo foi desenvolvido como produto do Programa de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, onde a autora foi bolsista no período de Setembro/2018 a Agosto/2019.

Os fatores que levam o bullying e as suas possíveis motivações são múltiplos, tais quais: a ignorância, o desconhecimento da crença e formas de culto do outro, o racismo – visto que as religiões de matrizes africanas são as maiores vilipendiadas – que no contexto histórico-cultural ainda vê a cultura afro como inferior, a propagação de ódio explícita na grande mídia – essa pertencente a uma pequena elite retrógrada -, o medo do desconhecido, os padrões de beleza, de masculinidade e feminilidade socialmente impostos, entre outros.

Alguns destes fatores são graças aos séculos de uma história de demonização e perseguição daqueles que divergem da crença majoritária. Vimos durante o decorrer dos anos: a perseguição dos Judeus (embora não por fatores apenas religiosos) a época do Nazismo na Alemanha, a Inquisição Espanhola, as Cruzadas, a chegada dos europeus na África e a coerção para aceitação do Deus Cristão, a colonização brasileira com justificativa de “batizar” os seres pagãos e bárbaros que aqui estavam, e, nos dias atuais, a perseguição dos cristãos pelos fundamentalistas islâmicos em países como Síria e Iraque.

Outros se dão pelo fato de um ethos imperativo de “normalidade” que beneficia grandes empresas que comercializam a figura do que é belo, normal e aceitável. Pondo a margem todos àqueles que divergem - por razões genéticas, culturais e até mesmo subjetivos – dessa padronização.

As questões principais a serem tratadas neste Trabalho serão: Como garantir um processo de aprendizagem plural? O que fazer para que os ambientes de ensino possam ser acolhedores a todos independentemente da sua religiosidade? Como o projeto ético-político profissional se manifesta de acordo com essas conjunturas?

O tema e suas problemáticas são de grande relevância pela sua atualidade, dada circunstância dos recentes massacres realizados em ambiente

escolar, e principalmente para possibilitar a reflexão acerca da vida das crianças e adolescentes que diariamente utilizam dos espaços públicos de educação.

Foram realizadas pesquisa documental e bibliográfica utilizando-se de artigos, livros, revistas científicas, jornais, relativos ao assunto abordado pela pesquisa.

Encontra-se em andamento pesquisa de campo<sup>3</sup> (qualitativa e quantitativa) utilizando-se da técnica de coleta de dados secundários obtidos por meio do livro de registros de 8 (oito) instituições vinculadas a rede estadual de ensino, sendo elas: Professora Maria Luiza Formozinho Ribeiro, Monsenhor Sarrion, Professora Fátima Aparecida Costa Falcon, Fernando Costa, Professora Clotilde Veiga De Barros, Florivaldo Leal, Professor Hugo Miele e Comendador Tannel Abbud.

## **2 CONCEITO DE BULLYING E SUAS MOTIVAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trataremos diretamente da conceituação do termo Bullying, suas consequências para a vida dos indivíduos que estão diretamente ou indiretamente relacionados com essas situações de violência. Tendo como objetivo tornar claro o assunto abordado, explicitando suas variáveis, atores, vítimas e vitimizadores, iniciando a discussão pela apresentação do termo e sua tradução literal, visto que é uma terminologia “importada” para o Brasil.

Posteriormente, serão esclarecidas possíveis motivações que influenciam na vida social dentro da escola, esta sendo um organismo vivo, não diferenciado e que não pode ser retirado do contexto social, finalizando com o debate acerca da influência dessa agressividade na vida cotidiana.

---

<sup>3</sup> A pesquisa de Campo está em fase de desenvolvimento e finalização. Esta já foi aceita na Plataforma Brasil pelo C.E.P., que emitiu o parecer de número: 3.500.403. E será findada e publicizada nos Encontros Científicos dos próximos meses.

A violência é uma realidade latente nas instituições de ensino – sejam elas públicas ou privadas – tem assustado os agentes de educação por todo Mundo. Essas agressões quando praticada em âmbito escolar atende pelo nome de *Bullying*. O termo em inglês deriva da junção das palavras *Bully*, cujo significado é “valentão”, acrescido do prefixo *ing* utilizado no mesmo idioma para ações repetidas.

A tradução literal já nos permite uma rasa noção do significado, portanto, o *Bullying* é o ato reiterado de imposição violenta de um sujeito sobre o outro. *Bullying* é um fenômeno que sugere atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva, intencional e sem motivação aparente contra um ou mais vítimas (MENEGOTTO, PASINI et LEVANDOWSKI, 2013, p. 203).

Entretanto, o ato não se limita apenas no caráter verbal e físico, perpassando também pela violência psicológica, moral e econômica, podendo inclusive utilizar uma ou mais variáveis desta. Ou seja, está muito além do ato de agredir com termos pejorativos a vítima, ou agredi-la, mas outras formas também são consideradas *Bullying*, mesmo que estas sejam mais sutis à percepção. Inclusive disseminar boatos difamatórios sobre o colega, coloca-lo em situações vexatórias por alguma falta de habilidade – como, por exemplo, dizer que este é “burro” após uma má avaliação -, ou até mesmo extorquir/roubar companheiros ameaçando expô-lo ou ataca-lo.

Constitui-se no ato sistemático de inferiorizar o outro, o *Bully* sente o prazer em torturar, agredir, ofender por características físicas ou falta de habilidades – físicas e mentais -, roubar, ameaçar e insultar alguém a sua escolha. Opção essa que não é aleatória, os bullies escolhem suas vítimas de acordo com a posição social que esta ocupa dentro da escola.

O liceu é um fragmento da sociedade, contudo, há uma hierarquia própria e até mesmo similar. Nela cada um possui um papel social com benefícios, malefícios e funções a desempenhar. Sendo assim, nas instituições de ensino há uma divisão específica que se assemelha muito com a vista do “lado externo” dos muros. Esta separação é o que determina quem será a vítima, o vitimizador, e os espectadores.

Os “líderes” ou “populares” são os reis, geralmente possuem algum atributo de destaque, beleza, espírito de liderança, habilidade esportiva, ou grande inteligência. Todos desejam fazer parte do seu grupo, que dominará os demais estudantes. (RAMOS, 2008, p.4).

Os chefes terão controle sobre todos os demais, ditando regras e atributos necessários, para incluir ou excluir os estudantes na vida social da escola. São verdadeiros ditadores, comandam todo o espaço, marginalizando pessoas a seu bel prazer. Geralmente são os atletas, com boa aparência física, que dominam alguma arte ou esporte, capacidade de manipulação pela excessiva aptidão com a fala, ou serão os mais inteligentes da turma que acomodarão os restantes ao seu redor pelo interesse, seja econômico ou social, são denominados “populares” ou “descolados”.

Abaixo ou colateral aos reis, existem os “amigos do rei”, os populares por “osmose”, estão sempre ao lado dos populares para utilizarem do mesmo prestígio e das benesses da amizade. Não possuem o mesmo destaque que os primeiros, atuando mais como “palanque” para estes. (RAMOS, 2008, p.4)

Ainda utilizando de uma hierarquia monárquica para explicitar, podemos denominar essas pessoas como os “soldados” ou “bobos da corte” do Rei. Prestam favores físicos, econômicos e servem unicamente para bajular os populares. Aplaudem seus feitos de valentia ou demonstração de força e/ou inteligência. Fazem isso para conseguirem apreender as migalhas do prestígio, e também para não serem alvos da exclusão e hostilidade da figura principal.

Há ainda aqueles que não são populares, nem possuem amizades relevantes dentro da escola, nem estão à margem dos demais, mas não possuem nenhum atributo que os classifiquem na convivência, somente são espectadores de tudo o que ocorre nos ambientes. (RAMOS, 2008, p.4)

Continuando a metáfora da Monarquia, existe a Plebe, que não se atenta a realidade escolar, cumprem unicamente sua função dos estudos de forma completamente passiva, não se indispõe com as lideranças pelo medo, de modo que não são incomodados, nem alvejados. Não possuem nenhuma interferência na vivência do dia a dia, mesmo sendo – provavelmente – a maioria.

Para mais, existem pessoas que optam por aderir ao meio termo, os chamados “observadores”. Estes não estão enquadrados nem como vítimas, nem como agressores, apenas visualizam sem conseguir esboçar reação e aprendem a viver com aquela realidade mesmo discordando da violência, muitas vezes pelo medo de serem os próximos violentados.

Por fim, e não menos importante existem os excluídos, que por sua timidez, inabilidade, ou qualquer característica diferente não conseguem se alocar em nenhum grupo.

Já aqueles que não conseguem se encaixar em grupo nenhum, como resultado de uma personalidade mais retraída, ou por alguma outra diferença dos demais, acabam se tornando excluídos, e vistos pelos outros como estranhos ou, simplesmente, ‘diferentes’. Tornam-se, assim, as vítimas preferenciais dos bullies. (RAMOS, 2008, p.4)

Por fim, os impopulares possuem todas as características necessárias para coloca-los na mira dos agressores. Não conseguem se expressar bem, são retraídos, não enfrentam e dificilmente reclamarão da situação, mesmo que expostos a grande constrangimento. Há igualmente a possibilidade de essas características serem físicas – gênero, etnia, padrão de beleza – ou sociais – território de moradia, religiosidade condições financeiras – para tanto, não está posta apenas pela condição psicológica da timidez.

Mas antes de continuar a discussão a respeito da conceituação e dos malefícios dessa prática de hostilidade entre pares, se faz necessária a contextualização da temática, especialmente por se tratar de um assunto recente inclusive para pesquisas acadêmicas.

O primeiro pesquisador que se debruçou sobre o objeto foi o Dr. Dan Olweus, psicólogo norueguês da Universidade de Bergen, inclusive desenvolveu métodos de identificação do bullying nas instituições de ensino. (FANTE, 2005)

Posteriormente o interesse pela temática se expandiu, principalmente pelo suicídio de três adolescentes entre 10 a 14 anos ocorrido na Noruega amplamente noticiado, trazendo a tona os maus-tratos e violência entre pares

ocasionados dentro das instituições de ensino. Tal caso chamou atenção do governo Norueguês que iniciou uma campanha nacional de combate a violência estudantil em 1983 (FANTE, 2005).

No dia 20 de abril de 1999, em Denver no Colorado, Dylan Klebold e Eric Harris protagonizaram o fatídico Massacre de Columbine. Os adolescentes começaram a atirar em estudantes do lado de fora da instituição, posteriormente, entraram na escola “Columbine High School” e continuaram alvejando, deixando mais de 20 (vinte) pessoas feridas e 13 (treze) mortos. Logo após o fato, ambos se suicidaram tornando o tiroteio o maior da história norte-americana. (HISTORY, 2009)

Um exemplo dos efeitos nocivos desse fenômeno foi a tragédia na Columbine High School, em 1999, que, por seu destaque na mídia local e internacional, chamou a atenção de governantes, especialistas no assunto, familiares e pesquisadores (MENEGOTTO, PASINI et LEVANDOWSKI, 2013, p. apud VIEIRA, MENDES, & GUIMARÃES, 2009, p. 204)

Tal fato gerou uma grande discussão referente ao armamento e a política de segurança nas escolas. Todavia, após a situação permitiu uma especulação que ambos os atiradores sofreram bullying naquela instituição, tornando o caso como uma retaliação pela agressão vivenciada.

Diante da tragédia na Columbine High School, em 1999, nos Estados Unidos, o estudo de Vieira et al. (2009) destacou o fenômeno school shooting associado ao bullying. Propôs, assim, uma reflexão sobre tal fenômeno, caracterizando os seus protagonistas. (MENEGOTTO, PASINI et LEVANDOWSKI, 2013, p. 207)

No Brasil a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência) adaptou o questionário utilizado na Europa para identificação aqui no país em 2002, tendo como resultado um índice alarmante de 40,5% de alunos que estiveram envolvidos diretamente com uma situação de Bullying.

Levantamento realizado pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) em 2002, envolvendo 5875 estudantes de 5ª a 8ª séries, de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, revelou que: 40,5% desses alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de Bullying, naquele ano, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos/autores, e 12,7% autores de Bullying. Estes números permitem pensar nas vivências de sofrimentos a quem um número significativo de alunos estão submetidos cotidianamente. (NIKODEM; PIBER, 2011, p. 106).

Denominaremos nesse trabalho como *Bully* o agressor, sem, entretanto, intenção de culpabilizá-lo, uma vez que compreendemos que essa agressividade não está apenas presente na escola, mas sim num contexto social excludente e discriminatório. Portanto, o vitimizador é ao mesmo tempo vítima de uma sociedade marcada pelo ódio ao diferente.

Interessante salientar o perfil do agressor e da vítima, a fim de desmistificar essa dicotomia maniqueísta. Para a pesquisadora Mónica Machado, podem existir mais de um agressor para uma mesma vítima, assim como a recíproca é verdadeira. (MACHADO, 2011, p.5)

A violência envolve uma complexidade de fatores, não podendo ser analisada de forma simplificada e reduzida. Assim, os agressores não podem ser os únicos responsáveis pelos atos de violência, uma vez que eles também são produto dela e, portanto, também vítimas (GOMES, 2011)

Facilmente encontraremos pessoas que sofreram com essas brincadeiras sem a menor graça dentro do ambiente escolar, e que hoje carregam traumas com a autoestima baixa, falta de confiança em suas potencialidades, transtornos mentais como depressão, ansiedade, síndrome do pânico, entre outras.

O bullying pode ter consequências arrasadoras, como a incidência da depressão, ansiedade, estresse, dores não-especificadas, perda a autoestima, problemas de relacionamento, abuso de drogas e álcool, além do risco de suicídio em casos mais graves. As marcas do sofrimento psíquico e físico podem perdurar por toda a vida, e atingem também o agressor, pois aqueles que praticam bullying contra seu colega poderão levar para a vida adulta o mesmo comportamento anti-social, adotando atitudes agressivas no ambiente de trabalho (Workplace Bullying). (NIKODEM; PIBER, 2011, p. 108).



Mais corriqueiro ainda, encontraremos defensores dessa prática com o discurso de que seriam brincadeiras ou “zoações” próprias da adolescência, naturalizando assim relações de poder e selvageria dentro das escolas, e dificultando a identificação e possíveis enfrentamentos.

Algumas pessoas ainda têm a impressão de que o bullying é um comportamento normal e aceitável, que as crianças aprenderão quando crescerem. Elas dizem coisas como depois passa, é coisa de criança, ele é só esquentado, é só não dar bola que passa. Não passa. (MOZ E ZAWADSKI, 2008, P. 79)

O bullying não pode ser encarado de modo a naturalizar a agressividade e muito menos as relações de poderio dentro do ambiente acadêmico. O bullying “sutil” categorizado pelas agressões verbais é muito confundido com brincadeiras típicas da idade, e por isso necessita de profissionais qualificados. (MENEGOTTO, PASINI et LEVANDOWSKI, 2013, p. 204)

Há um recorte de gênero que se faz necessária analisar, segundo pesquisas, a grande parte dos agressores diretos – violência física e ameaças – são meninos, enquanto as meninas realizam a violência de modo indireto, excluindo dos grupos, criando inverdades geralmente vinculadas a moral da vítima. (MENEGOTTO, PASINI et LEVANDOWSKI, 2013, p. 211)

Essa divisão no modo de violência e gênero nos faz refletir – conforme será posto no segundo capítulo – o conceito de masculinidade tóxica, e o machismo estrutural societário. De maneira que a moral feminina seja posta em voga, excluindo as que não atendem o critério de decência social imposto. Enquanto que os rapazes serão os que farão demonstração de força bruta para aceitação dos demais, e não ter sua sexualidade questionada, ou seja, é necessário ser violento e hostil para ter a masculinidade intacta.

Compreendendo a adolescência como principal processo no desenvolvimento na socialização humana, o bullying pode causar diversos malefícios conforme já citados anteriormente, comprometendo toda a evolução do

indivíduo até mesmo na fase adulta, inclusive na vida dos agressores. Pesquisas demonstram possibilidades de que futuramente os bullies venham a se meter futuramente com atos de delinquência ou delitos. (NIKODEM; PIBER, 2011, p. 106).

Para Barros (1993), a adolescência é a época na qual o jovem enfrenta novas exigências, como escolher uma profissão, conquistar certa independência com relação à família, lidar com a sexualidade. Segundo a autora, amigos nesta fase vão ter imenso valor para ajudar a lidar com sentimentos complexos e conflitos. (RAMOS apud BARROS, 2008, p. 5).

É nesse período da vida onde as escolhas serão realizadas as principais decisões da vida do sujeito, e para tanto, é imprescindível espaços de convivência entre os seus pares, de modo saudável.

Fazer parte de grupos, ter amigos da mesma idade, com os mesmos anseios, dúvidas e ter com quem se identificar num processo de mudanças – até mesmo hormonais – fará com que esse progresso seja mais proveitoso possível. A turma será o momento de “fuga” das imposições sociais dessa época tão marcante.

Apesar disso, para ser “aceito” existem muitos critérios para cada “tribo”. O que vai decidir a acolhida desde novato será a personalidade, os gostos pessoais, por exemplo, gênero musical favorito, etnia, classe social, padrão de beleza, território de moradia, orientação sexual, entre outras.

O problema dessa seletividade na aceitação dos novos membros é a expulsão dos demais que não responderam a todos os critérios subjetivos daquela “panelinha”.

O bullying começa frequentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais”. (FANTE, 2005)

Partindo dessa segregação entre os estudantes, começarão as rixas entre as tribos e a agressividade com um aluno que esteja à parte de todas estas. A partir daí o grupo escolherá um “bode expiatório” para oprimir.

Os agressores geralmente do sexo masculino, com grande número de reprovações, veem como se todos os demais precisam agradá-lo sempre, desejando estar a todo o momento o centro das atenções, tendo os demais a disposição para qualquer “ordem”. São tiranos e importunam aqueles que estão abaixo dele por razões geralmente físicas. (MENEGOTTO, PASINI et LEVANDOWSKI, 2013, p. 208)

O factor de motivação dos agressores é o crescente desejo de intimidação e domínio sobre os outros, o desejo de poder e a necessidade de abusar do mesmo. De um modo geral, pode-se dizer que os alunos agressores apresentam e adoptam comportamentos de déspotas, perseguindo e oprimindo constantemente o seu colega, transformando este numa vítima, ou seja, aquela que será o alvo da sua perseguição (MACHADO, 2011, p.6).

Possuem dificuldades em aceitar pensamentos controversos aos seus, por isso, há resultados científicos que assimilam que no caso dos agressores existem uma relação concreta de indisciplina e dificuldade de aprendizagem. Outro estudo indica que adolescentes que cometeram atos infracionais e cumprem medidas sócio-educativas se envolveram mais vezes no bullying como agressores. (MENEGOTTO, PASINI et LEVANDOWSKI, 2013, p. 208).

As vítimas por sua vez – também com predominância no sexo masculino – estão no outro extremo da hierarquia, são os rejeitados por todos os grupos formados entre os pares, e possuem – geralmente – atributos físicos mais frágeis. Com a reprovação dos colegas, a vítima se isola cada vez mais do convívio social, o que interferirá em todo seu processo de desenvolvimento.

Como já foi exposto, a convivência no ambiente educacional é o que garantirá a desenvoltura plena das capacidades desse futuro adulto, e está posta como direito da criança e do adolescente disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;  
(BRASIL, 1990)

Ainda assim, pela violência reiterada, muitos adolescentes evadem do Sistema educacional para não vivenciar tais abusos. Tornando-se assim, uma das violações graves ao direito social da Criança e/ou do Adolescente.

Devido ao bullying, muitos alunos abandonam a escola na tentativa de livrar-se das pressões sofridas, o que não resolve o problema, pois os efeitos do bullying já estão presentes em sua vida. Já outros a abandonam aos poucos, faltando às aulas por medo de serem as próximas vítimas. (NIKODEM; PIBER, 2011, p. 108).

Compreendendo então que o Bullying é a violência pela rejeição daquele que não se enquadra nos grupos populares, é importante compreender as motivações desse deslocamento, sendo uma delas a exclusão pela questão étnico-racial, ou seja, o preconceito pela cor da pele.

O racismo e a discriminação étnica em nosso território advém de longas práticas institucionais e conscientes de exclusão social, e somente apreendendo todas estas, seremos capazes de enfrentar conscientemente a violência, o preconceito e a segregação.

A exclusão social dos negros e pobres nesse país ainda é uma verdade muito recorrente, e isso gera males que ultrapassam gerações, todas estas tendo seus direitos violados e oportunidades negadas. O Brasil ainda carrega parte do seu período escravocrata, e, portanto, ainda tem o Racismo enraizado em toda sua estrutura institucional, social e cultural.

A ignorância, o desconhecimento da cultura, beleza, crença e formas de culto do outro, que no contexto histórico-cultural ainda vê a cultura afro como inferior, a propagação de ódio explícita na grande mídia – essa pertencente a uma pequena elite retrógrada -, o medo do desconhecido, entre outros.

Todos estes fatores são graças aos séculos de uma história de demonização e perseguição daqueles que divergem da cultura eurocêntrica branca. Vimos durante o decorrer dos anos: a chegada dos europeus na África e a coerção para aceitação do Deus Cristão, a colonização brasileira com justificativa de “batizar” os seres pagãos e bárbaros que aqui estavam, e os que estavam no continente Africano.

O enbranquecimento cultural está em todo o cotidiano brasileiro, principalmente na padronização da beleza do liso, loiro e claro. Marginalizando a grande maioria da população brasileira que possui a pele escura, cabelos afros e/ou crespos, e traços mais grossos nos lábios e no nariz. Por outro lado, existe a erotização frequente da “Mulata” como mulher boa para sexualidade, de beleza “exótica, provocante e exímia dançarina.

Outro modo de violência frequente aos negros é a inferiorização de tudo que advém do seu continente originário, ignorando o conhecimento matemático, filosófico, e linguístico da África a ponto de excluir de toda grade curricular básica educacional, por ser designado como tribal e irrelevante.

Sendo assim, cada vez menos jovens se identificam com sua ancestralidade negra no Brasil, gerando a morte do grande saber que possibilitou a construção e manutenção de diversas civilizações que passaram pelo Mundo, e marcaram a trajetória da ciência que temos hoje. Não sendo suficiente a exclusão da instrução africana, foi igualmente inferiorizada e/ou pior, demonizada o modelo de fé e toda raiz de crença afro, que atualmente é a mais vilipendiada e destruída no território nacional.

Mas no ocidente, no contexto colonial e ainda hoje, fundamentar com algumas citações a figura de Exu e Satã se consolidaram principalmente sob a forma descrita nos dicionários organizados pelos missionários de religiões cristãs. Em sua maioria traduzem Exu como “diabo, “mensageiro do mal” ou até mesmo como “o supremo poder do mal”. (SILVA, 2017)

Os orixás do panteão africano foram todos sincretizados, com santos cristãos para manutenção da religiosidade, entretanto, a cristandade rejeita a assimilação, expondo as divindades menores como demônios que destroem famílias

e vidas, levando aos vícios do alcoolismo e drogadição. Não é difícil encontrar programas em rede aberta de televisão que exibem nomes de Orixás assemelhando ao que é condenável na sociedade ocidental.

O discurso de ódio propagado principalmente pelas igrejas neopentecostais tem origem clara no racismo, visto que, credos que são similares – como o hinduísmo ou budismo – não são igualmente agredidas por esse mesmo grupo.

Outro exemplo de enbraquecimento e racismo é a dança – hoje sendo apresentada publicamente como luta – da Capoeira, que por muitos anos a prática foi considerada crime, exatamente para impossibilitar a reação de negros que fugiam. Por fim, são diversas as expressões atuais do racismo e da discriminação étnica em nosso território, que advém de longas práticas institucionais e conscientes de exclusão social, somente apreendendo todas estas, seremos capazes de enfrentar conscientemente a violência, o preconceito e a discriminação.

O desconhecimento utilizado intencionalmente por alguns grupos específicos gera o medo, que por sua vez é solucionado pela agressividade. É comum no ambiente escolar a marginalização de crianças e/ou adolescentes que divergem do padrão heteronormativo. Muitas vezes são hostilizados com palavras de baixo calão e pejorativas, ou agredidos fisicamente nos banheiros escolares.

Há ainda a exclusão por não adequação aos atuais padrões de beleza vigentes. Destaca-se que o conceito de belo e normal é variável de acordo com a cultura, o período histórico e o contexto social a qual a pessoa está posta. O ethos dominante, composto pelo aparelho midiático, determina e vende o que é visivelmente bonito, não se importando com a Saúde, condicionamento físico, arquétipo individual.

Essa antítese entre o belo e o feio sempre influenciou os padrões de beleza, sendo possível identificar ao longo da história o apreço generalizado por um ou outro tipo físico, dos corpos rechonchudos da época renascentista aos corpos excessivamente magros e esculpados da atualidade. É possível constatar a influência da cultura e atualmente da mídia na idealização dos padrões de beleza. A mídia através de suas imagens manipuladas, publicidades e entretenimento criam uma expressão irreal e inalcançável do corpo feminino, uma expressão que pouco reflete a

pluralidade e diversidade da imagem feminina, com todas as suas curvas, tamanhos e formas de ser. (BARROS; RODRIGUES; GENTIL; TAVARES; MALAQUIAS; PEREIRA, p. 36, 2017)

A inclusão no grupo principal daqueles denominados “populares” está intrinsicamente relacionado com o padrão social de beleza imposto pela sociedade, uma vez que neste coletivo encontram-se primordialmente aqueles que possuem excelente porte físico, magros e com aptidão aos esportes.

É corriqueiro dentro do ambiente escolar presenciar apelidos vexatórios pela estatura, sobrepeso, uso de óculos entre outras. Esses adjetivos têm como finalidade ridicularizar, causando danos reais a saúde física e mental do outro, podendo ocasionar em perda da autoestima, bulimia, anorexia, e, em casos extremos o suicídio.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreender a temática disposta nesse trabalho nos permite refletir acerca da situação de violência posta no ambiente escolar, para além do senso comum visualizando o aluno apenas como um agressor dos seus pares por quaisquer situações, mas sim como um indivíduo social constituído de valores éticos e morais construídos historicamente.

Não é apenas um algoz, mas também vítima de uma sociedade marcada pela desigualdade e exclusão social, que escolhe seus privilegiados e marginaliza aqueles que por alguma característica étnica, de gênero/sexualidade, território de moradia, ou pelos padrões de beleza.

Esse trabalho é um pontapé inicial numa série de discussões a fim de constatar que as instituições de ensino apenas refletem a realidade social disposta fora dos muros do liceu. Do contrário, culpabilizaremos os estudantes e

possibilitaremos discursos de punição e agressividade para com estes, tais como a iniciativa de militarização do ensino.

Por fim acreditamos que a educação é o eixo de sociabilidade e de transformação, sendo lócus privilegiado para uma atuação que vise à construção de um novo projeto societário sem discriminação, violência, e exclusão social. Pois é o primeiro espaço de socialização comunitária (após a família), e como tal, necessita ser acolhedor e despido de pré-julgamentos culturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, M.A.S; RODRIGUES; L.P.S.M; GENTIL; N.E; TAVARES, S.M.; MALAQUIAS, S; PEREIRA, S.S.; A Relação Dos Padrões De Beleza Com A Construção Da Subjetividade Da Mulher. 2017

GOMES, A. E. G., & Rezende, L. K. (2011). Reflexões sobre *bullying* na realidade brasileira utilizando a técnica de análise de conteúdo: revisão bibliográfica. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*.

MOZ, J. M.; ZAWADSKI, M. L. *Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, Cleo. 2005. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª edição. Campinas. Editora Versus,.

MACHADO, Mónica; *Bullying em Contexto escolar: uma proposta de intervenção*; 2011; Coimbra

NIKODEM, S.; PIBER, L. D. Estudo sobre o fenômeno Bullying em escolas de ensino fundamental e médio da região noroeste do RS.

HISTORY, Editors. *Columbine Shooting*. A&E Television Networks, 2009. Disponível em: <<https://www.history.com/topics/1990s/columbine-high-school-shootings>>

ABGLT. Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais. *Manual de Comunicação LGBT*. Belo Horizonte, MG, 2010. Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)> Acesso em 24 de agosto de 2016.

MIRANDA, Patrícia. *A construção social das identidades de género nas crianças: um estudo intensivo em Viseu*. 2008 Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/136.pdf>



SILVA, Pierre Possamai. Para além da demonização do guardião Exu: elogio ao hibridismo pós-colonial em processo de resistências nas religiões afro e brasileiras. Criciúma/SC, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/6129/3/PIERRE%20POSSAMAI%20DA%20SILVA.pdf>

PONCE, Aníbal. Educação e luta de classes. 2ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. Família Brasileira: A base de tudo. Editora Cortez. São Paulo, 2ª Edição, 1994.

DIAS, Maria Berenice (2000). União homossexual: o preconceito & a justiça. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.

LASCH, Christopher. Refúgio num mundo sem coração: a família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MARQUES, Yasmin Caroline Lima; ROMERA, Valderes Maria. Alienação Parental: Uma forma de violência intrafamiliar contra a criança e o Adolescente; Encontro de Iniciação Científica; 2016; Presidente Prudente/SP. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/viewFile/5521/5251>>

SILVA, Pierre Possamai. **Para além da demonização do guardião Exu: elogio ao hibridismo pós-colonial em processo de resistências nas religiões afro e brasileiras.** Criciúma/SC, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/6129/3/PIERRE%20POSSAMAI%20DA%20SILVA.pdf>